

ALÉM DAS TELAS: O INSTAGRAM COMO PONTE PARA O DESENVOLVIMENTO DE PESSOAS COM TEA

Fernanda R. Barros¹

Alexandre Farbiarz²

RESUMO

Este artigo investiga as potencialidades e os desafios das tecnologias digitais, com foco na plataforma Instagram, como ferramentas de intervenção e promoção da independência para indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto da educação inclusiva. Reconhecendo a singularidade da cognição autista (Grandin; Pannek, 2021), o estudo explora como o Instagram pode oferecer um ambiente facilitador para a expressão e interação. O avanço tecnológico redefine as dinâmicas sociais e cognitivas, tornando imperativo analisar como essas inovações podem ser estrategicamente aplicadas para o desenvolvimento de habilidades sociais e comunicativas em pessoas neurodivergentes (Prizant, 2015). Metodologicamente, o estudo é baseado em revisão bibliográfica, fundamentada nos princípios da Análise do Comportamento Aplicada (ABA), que, enraizada no Behaviorismo Radical de B.F. Skinner (2003), compreende o comportamento como moldado por suas consequências ambientais, e na perspectiva da neurodiversidade. Compreendemos que, além dos métodos tradicionais, plataformas online como o Instagram oferecem um espaço singular para a experimentação de interações, a construção de identidades e a superação de barreiras comunicacionais, ao permitirem a expressão de subjetividades e a formação de comunidades de apoio (Moraes, 2004). Os principais resultados preliminares indicam que, embora a complexidade inerente às redes sociais apresente desafios e demande mediação (Castells, 1999; boyd, 2014), o Instagram é configurado como um recurso para fomentar a expressão e a construção de teias sociais, contribuindo significativamente para o desenvolvimento da autonomia e da inclusão social de jovens com TEA.

Palavras-chave: Autismo, *Instagram*, Educação Inclusiva, Autonomia, Intervenção.

INTRODUÇÃO

O cenário educacional contemporâneo tem sido profundamente redefinido pela emergência das tecnologias digitais, exigindo reavaliação constante das ferramentas de intervenção e inclusão. Em um contexto de crescente reconhecimento da neurodiversidade, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) surge como um campo de estudo que tem promovido buscas por abordagens inovadoras.

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense - UFF, fernandyrb@gmail.com.

² Professor orientador: Doutor e Mestre em Design pela PUC-Rio, Mestre em Educação e Linguagem pela USP, professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense - UFF, alexandrefarbiarz@id.uff.br.



O estudo está ancorado teoricamente na perspectiva da neurodiversidade e nos princípios da Análise do Comportamento Aplicada (ABA), fundamentada no Behaviorismo Radical de Skinner (2003), compreendendo o comportamento como moldado por suas consequências ambientais. Sendo assim, para um jovem com autismo, é plenamente compreensível que desafios e dificuldades existam no processo de interação social, tanto em ambientes online quanto offline, dadas as particularidades do espectro. Entretanto, é fundamental ir além da perspectiva dos déficits e reconhecer a agência e o protagonismo marcantes desse público no ambiente digital, como no Instagram.

Essa análise reforça que, embora muitos desses jovens possam necessitar de apoio e mediação para navegar na rede social - como reflexo da complexidade do ambiente digital (Castells, 1999; boyd, 2014) -, as interações e as trocas que ocorrem nesse espaço são de profunda relevância. O Instagram pode ser configurado como contrapúblico (Fraser, 1997) ou espaço de refúgio (Turkle, 2011) onde jovens com TEA



Metodologicamente, o estudo é baseado em revisão bibliográfica e etnografia virtual, detalhando o percurso metodológico para a análise do corpus de perfis, submetido à codificação temática. Os principais resultados preliminares indicam que, embora a complexidade inerente às redes sociais apresente desafios e demande mediação, o Instagram é configurado como recurso para fomentar a expressão e a construção de teias sociais, contribuindo significativamente para o desenvolvimento da autonomia e da inclusão social de jovens com TEA.

O presente estudo adota a abordagem qualitativa, de caráter aplicado, ancorada no modelo interpretativista (Gil, 2017). O eixo é a compreensão em profundidade dos significados e das práticas de autorrepresentação de indivíduos com TEA, buscando entender a realidade social como construção pela interação humana.

Dada a natureza do nosso objeto - a cultura e as interações específicas no Instagram -, a Netnografia é a metodologia ideal. A escolha por este método é justificada por seu rigor procedimental em ambientes de mídias sociais. A Netnografia se distingue da Etnografia Digital e Virtual (Hine, 2000), pois estas últimas tendem a focar em diretrizes filosóficas, oferecendo poucas ou quase inexistentes diretrizes procedimentais específicas para a condução desta pesquisa (Kozinets, 2015).

- Identificação e Delimitação da Comunidade: critérios claros para selecionar o sítio (Instagram) e os participantes (corpus de perfis);



- Imersão e Observação Sistemática: protocolos para a imersão passiva e a transição para a observação participante, focando na análise dos rastros digitais (posts, comentários);
- Protocolos de Coleta Multimodal: definição clara de como coletar e diferenciar dados espontâneos (rastros digitais) de dados induzidos (ex: entrevistas);
- Diretrizes Éticas Específicas: orientações detalhadas para lidar com a privacidade, o consentimento e a anonimização de dados publicamente acessíveis;
- Contextualização Cultural: enfatiza a interpretação dos dados à luz da cultura online e sua interconexão com o offline.

Neste estudo, o uso da Netnografia permitiu a coleta de dados em dois níveis: (a) análise dos rastros digitais gerados espontaneamente pela comunidade; e (b) imersão e observação sistemática dos posts e comentários. O procedimento netnográfico envolveu a imersão da pesquisadora na cultura digital em estudo, essencial para obter uma compreensão profunda e contextualizada.

A pesquisa foi concentrada na análise de um corpus composto por 11 perfis do Instagram: 7 perfis de jovens diagnosticados com TEA, 2 perfis de adultos com TEA e 2 por mediação familiar. A seleção foi realizada por meio da técnica de amostragem por Bola de Neve (*Snowball Sampling*), que consiste em identificar novos sujeitos para a pesquisa a partir da indicação ou das interações dos perfis iniciais, estabelecendo uma rede de referências (Goodman, 1961). O rigor ético guiou toda a pesquisa, com atenção rigorosa à privacidade dos participantes e o consentimento na coleta de dados online. A coleta de dados, pautada nos procedimentos netnográficos de Kozinets (2019), envolveu:

- Observação participante e imersiva: durante o período de quatro meses (de 1 de maio a 31 agosto de 2025), o perfil de pesquisa (@midiaeutismo³) manteve presença ativa, focando na observação dos indicadores digitais. A imersão visou obter uma compreensão profunda e contextualizada da cultura do grupo;
- Notas de campo: registro sistemático das observações e impressões;
- Capturas de tela: documentação do conteúdo e das interações mais relevantes (posts, comentários).

³ Disponível em: <https://www.instagram.com/>.



Os dados foram tratados através da técnica de Codificação Temática (Yin, 2016). Essa técnica foi aplicada em três fases analíticas para segmentar o corpus netnográfico e converter o volume de dados brutos em categorias representativas do agenciamento digital dos jovens. O processo ocorreu da seguinte forma:

1. Codificação Aberta: leitura minuciosa de todo o material (*posts*, *likes* e comentários), gerando os Códigos Bases (CBs) diretamente a partir dos dados;
2. Codificação Axial: agrupamento dos CBs, estabelecendo as relações entre eles;
3. Codificação Seletiva: definição e validação das três categorias finais de análise (Visibilidade e Autorrealização, Ativismo e Conscientização e Mediação Familiar e Pedagógica).

A análise e organização do material foram auxiliadas pelo software ATLAS.ti⁴, que facilitou a gestão, segmentação e codificação do volume de dados textuais e visuais (capturas de tela) coletados no Instagram. Inicialmente, os *posts*, legendas e comentários foram analisados de forma aberta, buscando padrões emergentes no discurso e na autorrepresentação. O processo de codificação foi baseado em um conjunto de Códigos Bases que permitiram quantificar e qualificar os achados:

- CB 1 (Expressão de Vínculo Afetivo/Amor): ocorrências de manifestações de carinho, apoio emocional e laços afetivos.
- CB 2 (Compartilhamento da Vida Privada): publicações que revelam o cotidiano, rotina e experiências pessoais fora de um contexto formal.
- CB 3 (Linguagem Afetuosa/Informal): uso de gírias, emojis, diminutivos e tom coloquial que reforça a proximidade e o vínculo social.
- CB 4 (Interação de Apoio/ Interesse): comentários, *likes* e mensagens de seguidores que demonstram suporte, incentivo ou interesse ativo pelo conteúdo (reforço social).
- CB 5 (Conscientização e Informação – TEA): conteúdo focado em educar o público sobre o Transtorno do Espectro Autista, direitos, desafios e desmistificação.
- CB 6 (Uso de *Hashtags* de Engajamento): utilização de *hashtags* estratégicas para aumentar o alcance e a participação na comunidade digital.
- CB 7 (Autonomia): expressões de independência, tomadas de decisão, escolhas individuais e ações que refletem o protagonismo do jovem.

⁴ Disponível em: <https://atlasti.com/>.



- CB 8 (Experiência e Vínculo Familiar): *posts* que relatam ou destacam a vivência familiar no contexto do TEA, focando no elo e na partilha de experiências.
- CB 9 (Participação Social): registro de atividades coletivas, inserção em eventos, encontros ou engajamento em causas fora do Instagram.
- CB 10 (Apresentação de Habilidade e Talento): publicações que exibem competências específicas, *hobbies*, artes ou áreas de alta concentração do jovem.
- CB 11 (Oralidade e Comunicação Ativa): uso de vídeos, *lives* ou mensagens de áudio que demonstram a capacidade de o jovem se expressar verbalmente e interagir de forma ativa.
- CB 12 (Protagonismo no Contexto Escolar): registro de participação em projetos, eventos, ou conquistas diretamente ligadas ao ambiente educacional formal.
- CB 13 (Mediação e Suporte): ações de pais/cuidadores no gerenciamento da conta, na curadoria de conteúdo ou na moderação de comentários.

Esses códigos foram agrupados, resultando nas categorias de análise que demonstram a intersecção entre o protagonismo digital e as implicações sociais do TEA.

REFERENCIAL TEÓRICO

O ponto de partida é o entendimento do ambiente contemporâneo, profundamente transformado pela tecnologia, como uma “sociedade em rede” (Castells, 1999). Nessa nova realidade, as relações sociais, as dinâmicas de poder e a própria construção de identidade são mediadas e moldadas pela tecnologia. Esse processo é definido como *mediatização*, que se refere à transformação cultural e institucional resultante da crescente integração dos meios de comunicação na vida cotidiana, forçando as instituições sociais e os indivíduos a se adaptarem à lógica midiática (Hjarvard, 2012). Sendo assim, plataformas como o Instagram são palco central onde essa lógica é manifestada plenamente, exigindo uma nova análise sobre como os sujeitos, especialmente os jovens com Transtorno do Espectro Autista (TEA), constroem sua autonomia e interagem dentro desse ecossistema digital.

Na lógica da *mediatização*, a comunicação digital passa a ser o próprio tecido de nossa existência (Castells, 1999), possibilitando a *autocomunicação* de massa - onde a mensagem é gerada e distribuída pelo próprio sujeito. Nesse ambiente, a curadoria da imagem e a construção da identidade são atos contínuos e estratégicos. Turkle (2011)



argumenta que o online oferece espaço para a experimentação de diferentes versões do *self*, permitindo que os indivíduos, ao se comunicarem de forma assíncrona, controlem a edição e a apresentação de suas identidades. Hepp (2020) aprofunda essa ideia, conceituando a mídia como fator constitutivo da realidade, e não apenas reflexo dela.

Neste contexto, a busca por reforço social - manifestado em curtidas, comentários e visualizações - é fator comportamental central. O *feedback* positivo imediato atua como reforçador, o que é relevante para o entendimento baseado na Análise do Comportamento Aplicada (ABA) adotado neste estudo. Contudo, essa complexidade inerente às redes sociais, onde a busca por atenção e o gerenciamento da imagem são constantes, exige mediação, conforme apontado por boyd (2014), especialmente para adolescentes. Desse modo, a mediação é fundamental para o desenvolvimento da autonomia digital e para transformar o Instagram em espaço de agência, mitigando riscos e aproveitando a oportunidade de experimentação social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da análise netnográfica, realizada a partir do *corpus* de 11 perfis observados no Instagram, evidenciam que a plataforma é mais do que passatempo ou espaço de sociabilidade casual para os jovens com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Ela é vetor ativo para expressão da subjetividade e construção de laços sociais, conforme as ideias de Moraes (2004), que propõe o desenvolvimento humano como sistema aberto, vivo e relacional. Baseada em referenciais da física quântica, a autora enfatiza a inter-relação e a interdependência essencial entre os fenômenos. O ambiente digital, nesse sentido, atua como laboratório social, onde conhecimento e identidade estão em constante construção, mediante interações, transformações e enriquecimentos mútuos. A discussão é estruturada a seguir, conforme as três categorias temáticas a partir da codificação dos dados: Visibilidade e Autorrealização, Ativismo e Conscientização e Mediação Familiar e Pedagógica.

Visibilidade e Autorrealização

Esta categoria engloba os perfis que utilizam o talento e os interesses específicos como eixo central de sua presença online. A inclusão digital transcende o acesso, focando na utilização estratégica para o desenvolvimento de habilidades (Prizant, 2015). A visibilidade, nesse contexto, atua como reforçador positivo, e o reconhecimento



recebido por meio de *likes* e comentários atesta a performance, fomentando a autonomia e a autoestima, e reforçando a exposição social .

O perfil P06 é estabelecido como uma evidência poderosa desse potencial, com o código CB 10 (Apresentação de Habilidade e Talento) liderando com 8 ocorrências, o que o torna a principal visibilidade do perfil. Essa frequência é convertida diretamente em agência e inserção social, demonstrando uma tríade poderosa: CB 7 (Autonomia) com 7 ocorrências, e CB 9 (Participação Social) com 7 ocorrências. O jovem utiliza o Instagram para expor sua competência artística (desenhos, como o projeto da Igreja Matriz de sua cidade) e, por meio do reconhecimento obtido, é convidado a participar de um evento cívico, o que prova que a inserção social é consequência direta da exposição de seu talento.

De forma semelhante, o perfil P03 projeta uma imagem de protagonismo no contexto educacional (CB 12) pela competência individual, com o CB 10 (Apresentação de Habilidade e Talento) também dominando com 8 ocorrências. A exposição de projetos de Robótica e obras de LEGO funciona como âncora para a Autonomia (CB 7) e a Participação Social (CB 9). Essa estratégia é sustentada por códigos de Vínculo Familiar (CB 8) e Interação Breve de Apoio (CB 4), que validam as conquistas e reforçam a autoestima do jovem no ambiente digital.

A partir da lente da Análise do Comportamento Aplicada (ABA), o ambiente do Instagram funciona como poderoso sistema previsível de *feedback* e recompensa. O comportamento de exposição de um talento (CB 10 – Resposta) é imediatamente seguido por curtidas e comentários positivos (CB 4 – Consequência), o que aumenta a probabilidade de o jovem emitir esse comportamento novamente. Esse mecanismo de reforçamento diferencial é princípio fundamental da ABA e é eficaz para modelar a autoapresentação e a interação social, transformando um comportamento isolado (*hobby*) em comportamento socialmente reforçado (performance digital), e culminando na coocorrência de Autonomia (CB 7) e Participação Social (CB 9).

Ativismo e Conscientização

Muitos perfis são dedicados à militância e à partilha de informações (CB 5), utilizando o Instagram como espaço de diálogo direto onde a vivência pessoal é transformada em ativismo. O perfil P05 demonstra a fusão de talento e ação social tendo o código Conscientização e Informação sobre o TEA (CB 5 com 5 ocorrências) e Participação Social (CB 9 com 4 ocorrências), a jovem utiliza a poesia (CB 10) e o



protagonismo em eventos (como recitar poesia na abertura da Semana do ECA) para a defesa de direitos. Já o perfil P09 demonstra o ativismo político de alta intensidade. Com CB 5 (12 ocorrências) e CB 9 (6 ocorrências), o perfil prioriza a luta estrutural, utilizando a plataforma para denunciar a falha do sistema (como a insuficiência do tratamento via SUS) e mobilizar a comunidade.

Considerando a ABA, a participação no ativismo digital está enquadrada na modelagem de repertórios sociais complexos. Ao usar o Instagram para militância (CB 9), os jovens aprendem a formular atos e mandos verbais complexos (CB 11 - Oralidade e Comunicação Ativa com 25 ocorrências no total) direcionados ao público, desenvolvendo habilidades de comunicação funcional. O engajamento é reforçado extrinsecamente pela Interação de Apoio (CB 4) e intrinsecamente pelo agenciamento (CB 7), aumentando a frequência e a fluência de seus comportamentos comunicativos em larga escala e permitindo que o jovem exerça controle sobre seu ambiente social.

Mediação Familiar e Pedagógica

Os resultados indicam que a presença digital é frequentemente mediada. Essa mediação é importantíssima para navegar na complexidade das redes (boyd, 2014), garantindo a segurança e o foco na intencionalidade da comunicação. O papel do mediador não apenas protege, mas também modela o comportamento social online.

O perfil P07 é o caso mais representativo, com código CB 13 (Mediação e Suporte) liderando o gráfico com 13 ocorrências. Essa dominância, aliada à alta coocorrência de CB 8 (Experiência e Vínculo Familiar com 8 ocorrências), comprova que o cuidador atua como intercessão absoluta para o jovem. Em contraste, o perfil P09 demonstra mediação de incentivo e advocacia, onde CB 13 (Mediação e Suporte com 6 ocorrências) e CB 8 (Experiência e Vínculo Familiar com 6 ocorrências) atuam como base afetiva e legal que sustenta o ativismo político do pai. Ambos os perfis demonstram que a mediação familiar (CB 8 e CB 13) é o substrato que permite a expressão digital.

Em alinhamento com a Análise do Comportamento Aplicada (ABA), a mediação familiar é a aplicação direta do controle de estímulos e da modelagem comportamental. Os pais atuam como antecedentes (CB 13 - Mediação e Suporte) que estruturam a contingência de reforçamento. Ao selecionar o conteúdo ou ajudar a formular respostas, eles garantem que a experiência online seja predominantemente reforçadora (CB 4 - Interação de Apoio), protegendo o jovem de punidores e modelando



interações sociais complexas. Essa intervenção estruturada visa transferir o controle de estímulos do mediador para as consequências naturais da interação social, sendo um princípio fundamental para o desenvolvimento da autonomia.

O conjunto de evidências analisadas permite concluir que o Instagram atua como laboratório social e poderoso sistema de reforçamento comportamental para jovens com TEA. A plataforma oferece condições ideais para a modelagem de repertórios sociais e comunicativos, superando as barreiras do ambiente presencial através da assincronia e do *feedback* controlado. A possibilidade de influência manifestada no protagonismo dos jovens e na mediação estratégica dos familiares não apenas desafia narrativas limitantes sobre a neurodiversidade, como contribui de forma concreta para o desenvolvimento da autonomia e para a inclusão social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa investigou as potencialidades e os desafios do Instagram como ferramenta de intervenção e promoção da autonomia para jovens com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Os achados confirmam as premissas iniciais do estudo sobre a importância estratégica da plataforma para a inclusão social.

O Instagram, é, portanto, recurso estratégico e eficaz para a inclusão e o desenvolvimento de jovens com TEA, cumprindo papel fundamental ao fomentar a expressão de subjetividades e a construção de teias sociais significativas. O sucesso da plataforma como ferramenta de intervenção está diretamente ligado à sua capacidade de atuar como sistema de reforçamento comportamental alinhado aos princípios da Análise do Comportamento Aplicada (ABA). Ao fornecer um ambiente de *feedback* - onde *likes* e comentários atuam como reforçadores sociais imediatos -, o Instagram contribui significativamente para:

- Desenvolvimento da autonomia: pela modelagem de comportamentos de autoapresentação e a validação de talentos e interesses específicos;
- Inclusão social: pela criação de um contrapúblico onde jovens com TEA encontram validação e desenvolvem repertórios comunicativos;
- Suporte comunitário: pela transformação da vivência em ativismo e recurso pedagógico, muitas vezes mediado pela família, que aplica o controle de estímulos no ambiente digital.

Em suma, a autonomia digital desses jovens é uma realidade alcançável, desde que mediada por protocolos éticos e intervenções estratégicas. Os resultados desta



pesquisa oferecem contribuições práticas para a compreensão de que as mídias sociais são um ambiente válido para o desenvolvimento de habilidades sociais e para a promoção da autorrepresentação. O Instagram, neste sentido, é uma ferramenta que potencializa o protagonismo do indivíduo, transferindo o olhar das dificuldades para as competências, habilidades e potencialidades.

REFERÊNCIAS

BOYD, danah. **It's complicated**: the social lives of networked teens. New Haven; London: Yale University Press, 2014.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FRASER, Nancy. **Justice interruptus**: critical reflections on the "post-socialist" condition. New York: Routledge, 1997.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GOODMAN, Leo A. Snowball sampling. **Annals of Mathematical Statistics**, Baltimore, v. 32, n. 1, p. 148-170, 1961. Disponível em: <http://dml.mathdoc.fr/item/1177705148/>. Acesso em: 20 out. 2025.

GRANDIN, Temple; PANEK, Richard. **O cérebro autista**: Pensando através do espectro. 15. ed., Rio de Janeiro: Record, 2021.

HEPP, Andreas. **Deep mediatization**. London; New York: Routledge, 2020.

HINE, Christine. **Virtual ethnography**. London: Sage Publications, 2000.

HJARVARD, Stig. Mídiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Matrizes**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 53-91, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38327/41182>. Acesso em: 12 out. 2025.

KOZINETTS, Robert V. **Netnography**: redefined. 2. ed. London: Sage Publications, 2015.



KOZINETTS, Robert V. **Netnography**: the essential guide to qualitative social media research. 3. ed. London: Sage Publications, 2019.

KOZINETTS, Robert V.; GRETZEL, Ulrike. Netnography evolved: new contexts, scope, procedures and sensibilities. **Annals of Tourism Research**, Oxford, v. 102, 103693, 2024. Disponível em:
<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0160738323001664>. Acesso em: 18 out. 2025.

MORAES, Maria Cândida B. **O paradigma educacional emergente**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2004.

PRIZANT, Barry M. **Uniquely human**: a different way of seeing autism. New York: Simon & Schuster, 2015.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Ciência e comportamento humano**. Tradução de João Cláudio Todorov e Rodolpho Azzi. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1953].

TURKLE, Sherry. **Alone together**: why we expect more from technology and less from each other. New York: Basic Books, 2011.

YIN, Robert Kin-Tang. **Qualitative research from start to finish**. 2. ed. New York: The Guilford Press, 2016.

